

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

Compreender-se-á que seja com muita satisfação e — porque não dizê-lo? - com um certo enlevo que, uma vez mais, escrevo, em nome de toda a equipa do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade e do Instituto de Cultura Portuguesa, esta nota de abertura, um tanto ritual, do volume das actas de um colóquio que organizámos. Depois dos que dedicámos às problemáticas da História Cultural... à espiritualidade e corte - quase, este, um sintagma - nos séculos XV a XVIII... e à meditação nos «últimos fins» nesses mesmos séculos - todos eles voluntariamente contextualizados na sua referência à Península Ibérica -, procuramos abordar, com os mesmos propósitos interdisciplinares, uma «figura» que, em seus dias, tivesse sido uma «personagem» na história da espiritualidade. A princesa Maria de Portugal, uma hoje quase desconhecida senhora que a morte, aos 38 anos, não permitiu que chegasse a ser, como parecia destinado, duquesa de Parma, apareceu como um quase ideal para os nossos objectivos. Discretíssima, ilustrada, devotíssima, formada no religiosíssimo círculo da infanta Isabel de Bragança, sua mãe, e assim, isto é, com tais superlativos, consagrada em *Glórias* e *Agiológicos...*, transplantada — creio será a palavra exacta — para um meio cultural — e religioso, portanto — com que não sentiria imediatas afinidades que era a corte, recente e em processo de estabilização, dos duques de Parma, poderia permitir, como nos sugeria a sua biografia interior escrita pelo seu confessor, Sebastião de Moraes, um jovem jesuíta que sempre, ao perto e ao longe, a acompanhou, tentar perceber como se foi nela e por ela construindo a «princesa cristã» que quis ser. E isto sem esquecer que Alexandre Farnese, o seu marido, tinha sido educado na corte de Filipe II. Acabámos por perceber que dentro da corte farnesiana — desses Farnese que a receberam com gran-

des festas e que sempre lhe foram dedicados - ergueu a sua corte devota *sub signo* de capuchinhos e jesuítas..., «corte» essa de que haverá, algum dia, que precisar a real influência para além dos elogios públicos que a indiciam e que alguma correspondência ainda inédita parece poderia vir a confirmar.

Esta primeira abordagem da princesa Maria de Portugal foi concebida, até certo ponto, como uma ilustração de um itinerário de, pelo menos, três níveis - geográfico (Lisboa — Parma, passando por Bruxelas), cultural (Portugal - Espanha - Itália) e espiritual (das leituras às práticas devocionais, passando pelos seus confessores e directores espirituais) - que a princesa percorreu nesses dias em que a Contra- Reforma era também tempo de reformação e disciplinamento.

Alimentemos a esperança de que, com apoio da documentação editada ou inédita que procuramos reunir em outro volume — *Maria de Portugal (1538-1577), Princesa de Parma. Monumento Sparsa*, Porto, 1998 - os estudos aqui reunidos possam suscitar outras respostas que, evidentemente, poderão ser de precisão ou mesmo de correcção.

Resta agradecer não só aos nossos colegas e amigos que de Itália e de Espanha aceitaram, generosamente, participar nesta nossa iniciativa, mas também ao Conselho Científico da Faculdade de Letras que, por proposta do Grupo de L.L.M., aprovou a inclusão deste volume entre os «Anexos» da Revista da Faculdade, e ainda - e muito especialmente - ao Conselho Directivo da nossa Faculdade, na pessoa do seu Presidente, Prof. Doutor Rui Centeno, o apoio inquestionado - e até mais do que o previsto... - que nos concedeu.

Porto, 6 de Janeiro de 1999

José Adriano de Freitas Carvalho